PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNÍ-VOS!

A CLASSE OPERÁRIA

Nº 22 | RIO DE JANEIRO | MAIO DE 1968 | ANO III



APÊLO REVOLUCIONÁRIO

A Declaração de Mao Tse-tung, de 16 de abril último, sôbre a luta dos negros norte-americanos tem extraordinária significação para todos os povos revolucionários. O presidente do Comitê Central do Partido Comunista da China fêz um vigoroso apêlo aos operários, camponeses e intelectuais de todo o mundo para apoiar o grandioso movimento das massas negras oprimidas dos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, analisou do ponto-de-vista marxista-leninista o verdadeiro conteúdo dêsse movimento e destacou o avanço da revolução mundial. Mao Tse-tung falou como o autêntico chefe dos trabalhadores de todos os países.

O presidente Mao assinalou que a luta dos negros norte-americanos é uma luta de classes. Demonstrou convincentemente que os conflitos que ora se verificam na América do Norte são, em essência, um problema de caráter social. Os negros são os trabalhadores mais oprimidos e explorados pela burguesia monopolista ianque nos Estados Unidos. Sòmente conseguirão libertar-se da opressão racial com a derrubada dos imperialistas do Poder. Isto significa que os negros norte-americanos alcançarão a vitória total ùnicamente à base da aliança com os trabalhadores brancos na luta comum contra o inimigo comum — os grandes capitalistas estadunidenses.

O movimento dos negros norte-americanos, indicou Mao Tse-tung, é parte integrante da nova revolução mundial e constitui poderosa ajuda ao heróico povo do Vietname em sua guerra de libertação contra os agressores ianques. O imperialismo dos Estados Unidos é o principal inimigo dos povos. Cada golpe contra êle assestado em qualquer país contribui para a libertação de todos os que são vítimas da espoliação do capital financeiro da América do Norte. A luta dos negros assume importância ainda maior porque se trava dentro da fortaleza dos belicistas da Casa Branca e do Pentágono.

Com sua clarividência de comprovado marxista-leninista, Mao Tse-tung afirmou que a revolução mundial entrou em nova fase. É uma afirmação valiosa que reflete a realidade. Em tôda parte, os povos se erguem contra os Estados Unidos. Particularmente na Ásia, África e América Latina o movimento de libertação nacional, através da luta armada, atinge novos níveis. O imperialismo ianque vê-se acuado não só nas vastas áreas do mundo colonial e dependente como também começa a ser fustigado nos países capitalistas mais desenvolvidos. Na sua própria cidadela, explodem potentes e corajosas manifestações dos trabalhadores negros pelos seus direitos e de amplas massas populares contra a infame guerra no Vietname.

É da maior oportunidade, portanto, a sábia indicação do presidente Mao de que os povos devem lançar-se a uma vigorosa e prolongada ofensiva contra o imperialismo norte-americano. Por mais dura e difícil que seja a luta, os dias dos imperialistas estadunidenses estão contados. Nada poderá salvá-los da derrocada final.

O apêlo do grande líder do povo chinês em favor dos negros norte-americanos encontra, sem dúvida, ressonância entre grandes massas da população brasileira que condenam a discriminação racial e se colocam ao lado dos negros dos Estados Unidos. É um chamamento que sensibiliza todos os patriotas e democratas, indignados ante à brutalidade e os crimes dos monopolistas ianques.

As elevadas idéias contidas na Declaração de Mao Tse-tung ajudam imensamente os revolucionários brasileiros a compreender de maneira mais profunda a situação atual e a lutar com mais firmeza contra os espoliadores ianques e a ditadura militar. Iluminam o caminho da emancipação nacional e social dos povos de todo o mundo.

«Na sociedade de classes, as revoluções e as guerras revolucionárias são inevitáveis; sem elas, é impossível obter-se um desenvolvimento da sociedade por saltos, de aniquilar a classe reacionária dominante e de permitir ao povo tomar o poder».

(Mao Tse-tung — Da Contradição)

COMENTÁRIO NACIONAL

ASCENSO DAS LUTAS POPULARES

Vive o país nova fase da luta popular. Os acontecimentos que eclodiram, em quase todos os Estados, após o assassinato do estudante Edson Luís assinalam a elevação do nível das ações de massas contra a ditadura militar. Desde o golpe de 1º de abril de 1964 não tinha surgido movimento de tamanha envergadura. O povo brasileiro, que se encontrava em defensiva devido à derrota que sofreu com aquêle golpe, passa a enfrentar com destemor as fôrças da reação, pugna corajosamente pelos seus direitos e adquire nôvo ânimo para levar a cabo ações mais elevadas.

Os militares, aboletados nos postos-de-mando da nação, pensavam que, com suas ameaças e terrorismo, com seus crimes e arbitrariedades, brandindo as armas compradas com dinheiro do povo, conseguiriam esmagar o espírito de luta das massas. Prenderam e assassinaram inúmeros patriotas, transformaram os quartéis em cárceres e câmaras de torturas. O povo, porém, não se deixou intimidar.

Na Guanabara, mais de 60 mil pessoas, desprezando os arreganhos da reação, acompanharam o enterro do jovem assassinado pela polícia, profligando os crimes dos governantes e proclamando que só o povo armado pode derrubar a ditadura. Durante vários dias, em diferentes pontos da cidade, verificaram-se lutas de rua entre estudantes e populares, de um lado, e a polícia civil e militar, de outro. Em Fortaleza, Goiânia, Brasília, Belo Horizonte, São Paulo e Pôrto Alegre sucederam-se grandes manifestações estudantis e choques contra as fôrças de repressão. Nada atemorizou as massas. Nem o assassinato de vários populares e os ferimentos em centenas de pessoas nem a prisão de milhares de manifestantes puderam abafar a revolta do povo e conter sua combatividade.

E nestas refregas com a reação, as massas aprendem a lutar. Improvisaram formas de luta e forjaram a tática adequada para as demonstrações de rua. Usaram as pedras das calçadas, incendiaram carros oficiais e da rádio-patrulha, cercaram policiais e os castigaram como mereciam, descobriram e escorraçaram agentes da polícia e do SNI infiltrados no meio da multidão, dividiram suas fôrças em vários grupos para melhor enfrentar a ação policial. Realizaram dezenas de comícios, organizaram passeatas, distribuíram volantes e manifestos, fizeram numerosas inscrições murais.

O gume das manifestações populares voltou-se, acertadamente, contra a ditadura e o imperialismo norte-americano. Em tôda parte, o povo revelava seu ódio aos militares e exigia a derrubada do govêrno ditatorial. «Abaixo a ditadura!» e «Ditadura assassina!» eram slogans mais repetidos pelos manifestantes. Também a repulsa aos monopolistas ianques foi uma constante. Inúmeras bandeiras norte-americanas foram queimadas, a Embaixada dos Estados Unidos foi apedrejada e Escritórios do USIS depredados. O brado «Fora os ianques do Vietname!» fazia-se ouvir frequentemente. Êstes fatos indicam que as palavras-de-ordem das fôrças revolucionárias são justas e penetram na consciência das massas. A ditadura e os imperialistas ianques constituem o centro do ataque das fôrças democráticas e patrióticas. Perseguindo tais objetivos é possível unir a esmagadora maioria da nação, alcançar grandes vitórias e marchar no sentido da completa emancipação nacional.

Incontestàvelmente, as jornadas populares de abril descortinaram ampla perspectiva política, mostraram que é possível combater com êxito a ditadura e que o povo pode atrever-se a usar formas mais enérgicas de luta, tanto nas cidades como no campo. Revelaram que existem condições para a união de amplos setôres sociais. Artistas, escritores, jornalistas, funcionários públicos e elementos de outras camadas da população apressaram-se a prestar solidariedade aos estudantes e a participar das manifestações. Demonstraram que o povo quando se dispõe a lutar não há fôrça capaz de detê-lo. Diante da envergadura do movimento e da combatividade dos estudantes e das massas populares, a reação entrou em pânico. Recorreu à ocupação militar de várias cidades, ameaçou com os tanques de guerra, os canhões e as metralhadoras. Desta vez, no entanto, a ostentação de fôrça já não surtiu o efeito desejado.

O espírito de luta das massas vem crescendo. A greve dos metalúrgicos de Minas Gerais, desencadeada na segunda quinzena de abril é um exemplo. 16 mil trabalhadores paralisaram suas atividades e exigiram aumento de salários. Tomaram em suas mãos a direção do sindicato e criaram organizações de base nas emprêsas. Os grevistas da Belgo-Mineira, onde se iniciou o movimento, seguiram o justo caminho para ampliar a greve. Apelaram aos trabalhadores de outras emprêsas pedindo-lhes sua adesão à luta. Os metalúrgicos não se deixaram impressionar com as bravatas do Ministro do Trabalho. Em assembléia de massas, apartearam e desmascararam o demagogo coronel Passarinho, que acabou sendo vaiado. Ainda que não tenham obtido inteiramente as reivindicações que exigiam, os grevistas indicaram aos trabalhadores de todo o país a acertada maneira de agir: o aprofundamento da luta de classe e o repúdio à conciliação com os patrões e o govêrno. As greves e outras demonstrações do proletariado acabarão varrendo com a política do «arrôcho salarial» e contribuindo poderosamente para a derrubada da ditadura.

Também têm particular significação as ações combativas da Praça da Sé, por ocasião das comemorações de 1º de Maio, na capital de S. Paulo. Os operários e estudantes expulsaram da concentração o asqueroso agente da ditadura Abreu Sodré, que procura se fantasiar de democrata e amigo dos trabalhadores. Queimando a bandeira norte-americana e incendiando o palanque oficial, os manifestantes demonstraram, simbòlicamente, sua condenação aos imperialistas ianques e à ditadura militar.

Em todos êsses acontecimentos ficou uma vez mais evidente o papel de traição que os revisionistas vêm desempenhando. Tudo fizeram para impedir a radicalização das lutas. Suas palavras-de-ordem pregavam a moderação e o recuo diante do inimigo. Chegaram mesmo, em São Paulo, a se articular com o governador, prometendo levar as massas ao comício da Praça da Sé para ouvir a fala demagógica de Sodré. Mas os trabalhadores não se deixaram embair pelos revisionistas. Não acreditaram nas pretensas «aberturas» democráticas por êles defendidas.

Face ao ascenso das lutas populares, as fôrças reacionárias vomitam ameaças de maior repressão. Anunciam uma ditadura ainda mais terrorista. Com isto, pretendem amedrontar o povo e deter o avanço do movimento democrático. Se recorrerem, porém, a tais expedientes, pior para elas. Seu isolamento será ainda maior e o povo lhes assestará golpes ainda mais poderosos. Quem pode se assustar com semelhantes ameaças são os revisionistas e os políticos da oposição consentida. O «endurecimento» da ditadura acabará radicalizando ainda mais o processo revolucionário. A intensificação das violências por parte dos militares não é sinal de fôrça, mas um índice de fraqueza dos reacionários.

O povo nada pode esperar dos golpistas e dos políticos que procuram soluções nos quadros do atual regime. A saída para seus problemas está em suas próprias mãos. Mobilizando suas fôrças e recorrendo à ação revolucionária alcançarão novos êxitos. Daí porque adquire importância decisiva a movimentação dos operários e dos camponeses. Dêles dependerá a vitória final.

ABNEGADO MILITANTE

O desaparecimento do camarada J. Dias Caldeira, falecido o mês passado no Estado da Guanabara, veio desfalcar as fileiras do Partido Comunista do Brasil de um de seus mais abnegados militantes.

Antigo ferroviário da Estrada de Ferro Leopoldina, onde desfrutava de um largo prestígio, Caldeira militava há muitos anos no movimento comunista. Atuou durante um longo período na frente sindical. Desempenhou destacado papel na combativa greve de 1948, quando o govêrno de Dutra desfechou violenta repressão contra os ferroviários. Militante fiel ao proletariado e ao marxismo-leninismo, defendeu, em tôdas as oportunidades, as posições de classe. Quando o revisionismo começou a corroer o movimento comunista, manifestou, desde o primeiro momento, sua discordância com os oportunistas. Em 1961, assinou a Carta dos 100 dirigida ao Comitê Central do Partido, protestando contra a transformação da organização partidária numa entidade social-democrata e exigindo o respeito aos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário. Participou entusiàsticamente da reorganização do Partido, em fevereiro de 1962, e desenvolveu ativo trabalho na reestruturação dos comunistas da Leopoldina. Ajudou grandemente na tarefa de pôr em circulação a A CLASSE OPERÁRIA, a qual prestou inestimáveis serviços até o seu fechamento em abril de 1964.

Após o golpe militar, Caldeira continuou em sua atividade de militante revolucionário, manifestando plena confiança na vitória da linha do Partido. Sèriamente enfermo, jamais deixou de contribuir, dentro de suas possibilidades, para o cumprimento das tarefas que se colocavam na ordem-do-dia. Como verdadeiro revolucionário proletário, caracterizou-se pela firmeza de suas posições e por um profundo ódio ao revisionismo contemporâneo. Não conciliou nunca com os inimigos de classe. Estigmatizou sempre os carreiristas, aproveitadores e pelegos sindicais.

Às vesperas de sua morte, Caldeira manifestou mais uma vez sua convicção na vitória final da causa que êle defendeu com tanto ardor. Morreu como um comunista. Seu exemplo de dedicação ao Partido, sua modéstia e lealdade na luta devem ser seguidos por todos os militantes. O claro por êle deixado há-de ser preenchido por novos e decididos combatentes, que saberão honrar sua memória.

MANANCIAL DE ENSINAMENTOS

O PC do Brasil vem de lançar a 2a. edição do artigo de Lin Piao «Salve a Vitória da Guerra Popular!». Trata-se de um material extremamente valioso para todos os revolucionários. Nêle está sintetizada rica experiência da Revolução Chinesa. Seu autor ressalta a significação internacional da teoria de Mao Tse-tung sôbre a guerra popular. Esta guerra é o caminho da luta revolucionária para todos os povos ainda oprimidos pelo imperialismo.

Estendendo ao plano mundial a concepção de Mao Tse-tung sôbre o estabelecimento de bases revolucionárias no campo e a utilização do campo para cercar as cidades, Lin Piao aventa a idéia de que a vitória da revolução mundial será o resultado, em última instância, do cêrco das «cidades do mundo» — América do Norte e Europa Ocidental — pelas «zonas rurais do mundo» — Ásia, África e América Latina.

Destaca ainda a imensa importância do pensamento de Mao Tse-tung sôbre o tipo de revolução que se processa nos países coloniais e dependentes. Afirma que a teoria da revolução da nova democracia é a teoria marxista-leninista do desenvolvimento por etapas e ao mesmo tempo ininterrupto da revolução. Na etapa nacional e democrática da revolução, o imperialismo e os seus lacaios são os inimigos principais e, na luta contra êles, é necessário unir tôdas as fôrças patrióticas e antiimperialistas. É bastante nocivo, diz o destacado dirigente chinês, confundir a etapa da revolução nacional e democrática com a etapa socialista. E acrescenta que durante a Guerra de Resistência ao Japão, os reacionários do Kuomintang e os trotsquistas a seu serviço confundiram intencionalmente estas duas etapas da Revolução Chinesa, propalando a «teoria de uma só revolução» e propugnando o «socialismo» sem o Partido Comunista.

Lin Piao mostra que atualmente o imperialismo norte-americano é o inimigo principal de todos os povos do mundo e que, embora seja o mais poderoso, é também o mais vulnerável de todos os imperialistas já conhecidos na história. Seus recursos humanos, militares, materiais e financeiros são insuficientes para a realização de seus desígnios de dominação mundial.

Demonstra também que os revisionistas kruschovistas são traidores da guerra popular. Dêste modo, para levar a cabo vitoriosamente a luta contra o imperialismo norte-americano e sustentar com êxito a guerra popular, os marxistas-leninistas e os povos revolucionários de todo o mundo devem combater resolutamente o revisionismo kruschovista.

O artigo «Salve a Vitória da Guerra Popular!» divulga, de forma criadora, o pensamento de Mao Tse-tung o marxismo-leninismo de nossa época, poderosa arma de transformação social. As teses e conclusões apresentadas neste documento constituem um manancial de ensinamentos para os revolucionários. Sua leitura cuidadosa e seu estudo acurado é uma necessidade para os comunistas e para todos os que aspiram o triunfo da revolução no Brasil.

«No que me diz respeito, não me o cabe o mérito de haver descoberto a existência das classes e a luta de classes na sociedade moderna. Muito antes de mim, alguns historiadores burgueses já tinham exposto o desenvolvimento histórico da luta de classes e alguns economistas burgueses dissecado sua anatomia econômica. O nôvo que eu trouxe foi: 1) demonstrar que a existência das classes está ligada apenas a determinadas fases históricas do desenvolvimento da produção; 2) que a luta de classes conduz necessàriamente à ditadura do proletariado; e 3) que esta ditadura não é, em si mesma, mais que a transição para a abolição de tôdas as classes e para uma sociedade sem classes...»

(Carlos Marx — Carta a J. Weydemeyer 5.3.1852)

EXÉRCITO POPULAR DE LIBERTAÇÃO

O jornal «Revolucion» da Colômbia anunciou a formação do Exército Popular de Libertação. Seu objetivo é lutar conseqüentemente contra a reação e o imperialismo norte-americano até livrar o país dêsses inimigos. Esta fôrça armada do povo, que atua em diferentes pontos do território colombiano, travou seus primeiros combates e alcançou importantes êxitos. O Partido Comunista (marxista-leninista) da Colômbia, surgido há cinco anos no combate aos revisionistas, é o inspirador e dirigente do nôvo exército nacional-libertador.

O surgimento dêsse destacamento revolucionário é um fato de enorme importância na vida dos povos da América Latina. As massas populares da Colômbia enveredam pelo verdadeiro caminho que as conduzirá à vitória final. A luta armada é o único meio para libertar os países dêste Continente da opressão imperialista e do domínio de odiosas oligarquias reacionárias. A condição primordial para o êxito dessa luta é a direção de um partido proletário, autênticamente revolucionário, marxista-leninista, que se oriente por uma política ampla, capaz de aglutinar grandes massas, e saiba aplicar corretamente os princípios da guerra popular.

O Partido Comunista (marxista-leninista) de Colômbia tem-se revelado um agrupamento combativo e revolucionário. Desde que foi fundado, orienta-se pela doutrina do proletariado e levanta a bandeira da luta armada. Examinou criticamente a experiência da luta guerrilheira das massas colombianas e procura assimilar os ensinamentos de Mao Tse-tung sôbre a revolução nos países coloniais e dependentes. Pode, assim, dirigir com acêrto a revolução e conquistar notáveis vitórias. Durante alguns anos, desenvolveu intensa atividade nos grandes centros urbanos. Compreendeu, ao mesmo tempo, o papel que estão chamadas a desempenhar as massas camponesas e por isso concentrou seu trabalho nas zonas rurais. Justamente nessas zonas iniciou as ações de guerrilha.

O Exército Popular de Libertação, sob a direção de Partido Comunista (marxista-leninista) de Colômbia, abre um caminho nôvo para a emancipação dos países da América Latina. Sua maneira de atuar baseia-se na concepção da guerra do povo e não nas teorias dos chamados focos revolucionários. Não há dúvida de que os combatentes colombianos se defrontarão com uma luta dura, difícil e prolongada. Alcançarão sucessos e sofrerão reveses. Mas terminarão vencendo porque desfraldam uma bandeira que corresponde aos anseios populares e porque se apóiam sòlidamente nas massas.

Os revolucionários brasileiros saúdam entusiàsticamente o aparecimento do Exército Popular de Libertação. Vêem nêle um estímulo e um exemplo, uma poderosa ajuda à luta comum dos povos latino-americanos. Apoiar e prestar a maior solidariedade ao povo colombiano e aos seus destacamentos armados é um dever indeclinável de todos os que se empenham em libertar o Brasil da ditadura militar, da opressão do imperialismo e do vergonhoso sistema do latifúndio.

OUÇA DIÀRIAMENTE EM PORTUGUÊS

RÁDIO PEQUIM

Das 19,00 às 20,00 hs — Ondas de 25 — 30 — 31 ms

Das 21,00 às 22,00 hs — Ondas de 25 — 30 — 31 ms

RÁDIO TIRANA

Das 4,00 às 4,30 hs — Ondas de 31 — 42 ms

Das 7,00 às 7,30 hs — Ondas de 25 — 31 ms

Das 18,30 às 19,00 hs — Ondas de 25 — 31 ms

Das 20,30 às 21,00 hs — Ondas de 31 — 42 ms

Das 22,00 às 22,30 hs — Ondas de 31 — 42 ms

Das 23,00 às 23,30 hs — Ondas de 31 — 42 ms

ALGUNS PROBLEMAS IDEOLÓGICOS DA REVOLUÇÃO NA AMÉRICA LATINA

No cenário convulsionado da América Latina, onde populações oprimidas e espoliadas pelas velhas oligarquias e vorazes monopólios estrangeiros tomam consciência de seu destino, trava-se, simultâneamente com as demonstrações patrióticas, as greves e as guerrilhas, um choque de idéias de grandes proporções. A vaga de rebeldia que se esprais do Rio Grande ao Estreito de Magalhães faz brotar as mais diversas teorias, as mais variegadas soluções, os caminhos mais discrepantes. É um fenômeno que expressa a opinião das diferentes classes e camadas sociais e revela o espírito combativo das massas ou a capitulação diante do inimigo, o desejo de mudanças revolucionárias ou as tentativas de travar a marcha da História.

Extensos setôres do povo e amplos círculos culturais mostram enorme interêsse pelas novas idéias. Não por teses abstratas, carentes de objetividade e sem qualquer sentido prático, mas por concepções que envolvem problemas cruciais do momento. Na mente de milhões e milhões de pessoas reflete-se uma realidade social de espantosas injustiças, miséria crescente, exploração cruel, odiosa dominação imperialista, arbitrariedades inomináveis e de truculência militarista. Quando mais o capitalismo se afunda numa crise sem saída e se debate nos estertores de uma agonia que pressagia seu fim, mais difícil se torna a situação dos povos e dos trabalhadores da América Latina, maior é seu anseio de libertação. Daí porque as massas populares voltam-se com inusitada atenção para as idéias renovadoras, para o debate e para a busca de novos horizontes, de um caminho que as conduza a uma vida livre, digna e feliz.

Grande parte das idéias políticas que circulam na América Latina apresentam-se como sendo de esquerda. Mesmo as de cunho retrógrado procuram mascarar-se de revolucionárias. Presentemente, devido à radicalização das massas e à experiência por elas adquirida, não há receptividade para as idéias abertamente de direita. E muitos defensores das chamadas idéias de esquerda dizem-se marxistas-leninistas. Isto porque a doutrina do socialismo científico conquistou extraordinário e merecido prestígio internacional. Seus princípios se afirmam como verdades irrefutáveis.

Há, porém, o autêntico e o falso marxismo. Existe o marxismo revolucionário de Marx e Engels, de Lênin, Stálin e Mao Tse-tung, que tantas e significativas vitórias tem alcançado na luta de classes e sob cuja inspiração centenas de milhões de sêres humanos livraram-se das masséias do capitalismo. E há também o pseudo-socialismo de Kautski e Bernstein, o «marxismo» de Kruschov, Brezhnev e Kossiguin, de Tito e Togliatti, que tantos e graves danos ocasionou ao movimento operário e tem acarretado, onde predomina, amargas derrotas. As idéias do verdadeiro marxismo orientam no sentido da revolução e da completa libertação do homem. O falso marxismo dos revisionistas semeia a confusão, cria dificuldades à luta dos povos e serve objetivamente à reação e ao imperialismo. Também são nocivas as «teorias», pretensamente marxistas, do neotrotskismo, ultra-esquerdista em palavras e direitista na prática. Por sua vez, o fidelismo tão em voga na América Latina, embora se proclame marxista-leninista, indica soluções que não se coadunam com a realidade dos países do Hemisfério e tenta rever postulados básicos da doutrina fundada por Marx e Engels.

No momento em que se acentuam os entrechoques de idéias na América Latina, é oportuno debater uma série de questões relacionadas com a revolução nesta parte do Continente e que têm suscitado inúmeras controvérsias. Não é objetivo dêste artigo traçar rumos para outros países. Nêle procura-se tão-sòmente opinar sôbre problemas de interêsse vital para o movimento revolucionário. Os pontos-de-vista expendidos apresentam, sem dúvida, lacunas e insuficiências. É natural que isto aconteça. A situação da América Latina evolui ràpidamente e é bastante complexa. O processo de formação histórica de cada país tem suas peculiaridades e existem características nacionais bem diferenciadas. Êste trabalho é uma tentativa de expor, de maneira sistematizada, um conjunto de questões que preocupam os revolucionários brasileiros. Pretende ser uma contribuição ao debate em tôrno de teses que dizem respeito à ingente tarefa de libertar as nações dêste Hemisfério.

DOMINAÇÃO CRESCENTE DO IMPERIALISMO NORTE-AMERICANO

No primeiro quartel do século passado, os povos da América Latina, em sua maior parte, conquistaram, através de lutas memoráveis, a independência estatal. Despedaçaram os grilhões que os acorrentavam às decadentes metrópoles espanhola e portuguesa. Formavam-se, então, as nações latino-americanas que, no entanto, não estavam consolidadas. As guerras de independência, por uma contingência histórica, foram dirigidas pelos representantes mais destacados da burguesia comercial, dos grandes proprietários de terra e da intelectualidade liberal, inspirada nas idéias da Revolução Francesa e nos princípios que nortearam a independência dos Estados Unidos. Livres do jugo colonial, estas nações criaram as premissas para seu desenvolvimento independente. Usufruíram, em determinado período, da soberania política. No entanto, os governantes da época, por sua condição de classe, não foram capazes de adotar medidas radicais que abrissem o caminho para o progresso, seguiram uma orientação conservadora. Mantiveram a estrutura agrária baseada na grande propriedade rural, nos restos feudais, e mesmo escravistas, e negaram a liberdade às grandes massas da população.

Com o surgimento do imperialismo, em fins do século XIX, iniciou-se nova fase na história das nações dêste Continente. Os grandes trustes internacionais dividiam entre si as colônias e procuravam submeter nações formalmente independentes, mas débeis e pouco desenvolvidas. Apoiados nas oligarquias nativas, formadas de latifundiários e de capitalistas ligados ao comércio exterior, gradativamente, foram penetrando na América Latina. Durante certo tempo, particularmente na América do Sul, esta penetração foi feita pelos imperialistas inglêses, seguidos pelos franceses e alemães. Os monopólios norte-americanos já no fim do século passado faziam a primeira guerra imperialista, tendo em vista apoderar-se de Cuba. Na década de 20 dêste século, intensificam sua atividade na América Latina para deslocar seus rivais europeus. Após a Segunda Guerra Mundial, se constituem no principal explorador imperialista do Continente.

Hoje, não há país desta parte do Hemisfério, à exceção de Cuba, que não esteja submetido à ação rapace dos trustes ianques, não existe país que não tenha contraído, em condições leoninas, vultosas dívidas com os Estados Unidos que as utilizam como instrumento de subjugação. Desenvolveu-se entre a América do Norte e a América Latina um intercâmbio desigual de mercadorias. Os preços dos produtos exportáveis das nações latino-americanas caem continuamente no mercado norte-americano e sobem, sem cessar, os preços dos artigos importados dos Estados Unidos. Os monopólios ianques assenhorearam-se do petróleo da Venezuela, do salitre e do cobre do Chile, do estanho da Bolívia, do ferro e do manganês do Brasil. Obstaculizam, tanto quanto podem, a industrialização da América Latina. Controlam a economia e as finanças dos diferentes países ao sul do Rio Grande. O imperialismo ianque se apossa de imensas riquezas produzidas com o suor e o sangue dos trabalhadores. É dono de indústrias básicas, de grandes plantações e de enormes latifúndios. Detêm em suas mãos as alavancas de comando da vida econômica de cada país. Em última instância, a América Latina está sob o contrôle da Standard Oil, General Motors, United States Steel, Ford, General Eletric, Bethlem Steel, United Fruit, Dupont e de outros grandes consórcios de Wall Street.

A dependência econômica acarreta, inevitàvelmente, a perda da independência política. Na verdade, desde há muito, os países da América Latina transformaram-se em semi-colônias dos Estados Unidos. Sua soberania é apenas nominal, pois se encontram envoltos em uma rêde de dependência financeira, econômica, diplomática e militar que os torna escravos do imperialismo norte-americano. Nas condições atuais, o jugo dos monopólios ianques faz-se ainda mais brutal. Orienta-se no sentido da recolonização do Hemisfério. Como o velho colonialismo está desacreditado e em completa bancarrota, os imperialistas estadunidenses utilizam novas formas de domínio. É o neocolonialismo em ação.

Este neocolonialismo se exprime, em especial, na participação direta dos agentes ianques nos assuntos administrativos do Estado. Os governos latino-americanos continuam revestidos de formas nacionais e chegam, mesmo, a ser eleitos por setôres da população. Mas, na realidade, estão estreitamente ligados a Washington. Quando surgem governantes burguêses que, apesar de seu entreguismo, procuram, de uma ou outra forma, por mais tímida que seja, resistir ao total avassalamento de seus países pelos norte-americanos, são sumàriamente derrubados por meio de pronunciamentos militares. E quando o povo se rebela para alijar do Poder os lacaios do imperialismo, de que a República Dominicana é exemplo, os Estados Unidos intervêm com a fôrça armada. As instituições políticas se adaptam cada vez mais às necessidades da dominação estadunidense. Em quase todos os países latino-americanos foram impostas, de diferentes maneiras, Constituições autoritárias ou as existentes sofreram profundas alterações de sentido reacionário. Os chamados órgãos representativos do povo, como os Congressos Nacionais, perdem suas prerrogativas, são meras fachadas que não decidem nada de fundamental.

Nos países dêste Hemisfério, os governos são orientados pelas Embaixadas dos Estados Unidos. Dos gabinetes dessa embaixadas partem diretrizes gerais para a administração de cada país e nêles também se controla tôda a vida política nacional. Os imperialistas ianques não se satisfazem ùnicamente com o contrôle dos departamentos governamentais. Paralelamente à máquina administrativa, montam sua própria máquina. Neste particular, a USAID (Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional) é um dos instrumentos mais utilizados. Seus escritórios, dispondo de numerosos funcionários norte-americanos, espalham-se pelas grandes e pequenas cidades, vilas e lugarejos da América Latina. A pretexto de ajuda, exercem funções privativas do Estado. Acobertados pela Aliança para o Progresso, introduzem-se nos serviços públicos, nas universidades, nas associações profissionais, na planificação e execução de obras, nos meios rurais. O Fundo Monetário Internacional também é um instrumento da ação neocolonialista norte-americana. Esta entidade, a serviço dos Estados Unidos, dita a orientação econômico-financeira contrária aos interêsses nacionais dos países latino-americanos e sôbre êstes exercem rigorosa fiscalização.

Notadamente, nas fôrças armadas da América Latina faz-se sentir a presença dos agentes ianques. Estas fôrças, de fato, estão submetidas ao Pentágono. Isto se realiza através de todo um conjunto de ajustes, a título de aprimoramento técnico, que incluem desde o treinamento de tropas e a padronização das armas até a adoção da doutrina militar norte-americana. As missões militares dos Estados Unidos, geralmente numerosas, supervisionam o exército, a aeronáutica e a marinha, onde têm influência decisiva. Os generais e oficiais superiores cursam obrigatòriamente escolas militares estadunidenses e seguem as concepções e as teorias agressivas de domínio do mundo dos belicistas de Washington. Transformam-se em porta-vozes e executores da política predatória dos Estados Unidos na América Latina. Hoje, as camarilhas militares constituem um dos principais apoios políticos da Casa Branca em sua atividade neocolonialista no Continente.

A BASE SOCIAL E POLITICA DO DOMINIO IANQUE

Os monopolistas dos Estados Unidos não poderiam espoliar e dominar os países latino-americanos se nêles não dispusessem de uma base social e política. São as oligarquias carcomidas de grandes fazendeiros e de capitalistas ligados a interêsses ianques, verdadeiros bastiões do atraso e do obscurantismo, que abrem as portas de seus países à recolonização. Na defesa de seus injustos privilégios e temerosos da ação popular, juntam-se ao pior inimigo da América Latina. Procurando perpetuar uma estrutura econômica superada, recorrem aos empréstimos estrangeiros, fazem as concessões mais vergonhosas ao capital monopolista e tornam a economia nacional ainda mais dependente dos Estados Unidos. Seu destino está indissolùvelmente ligado ao do imperialismo. Por isso, estão dispostas a arrastar seus países às aventuras guerreiras dos belicistas ianques e a desempenhar o papel de polícia de repressão contra os povos, como aconteceu com a clique militar do Brasil por ocasião dos acontecimentos de São Domingos. No passado, estas oligarquias gozavam de maior liberdade de movimento na escolha dos governantes. Agora, porém, em muitos países, é o próprio imperialismo que impõe os nomes de sua preferência para os postos-de-mando.

O panorama da América Latina, sob o domínio dos imperialistas norte-americanos e das oligarquias reacionárias, evidencia um quadro de violentos contrastes. Ao lado de faustosos palácios, de hotéis de luxo, de suntuosos cassinos, onde um punhado de ricaços esbanja fortunas, proliferam as favelas, as casas-de-cômodo e os prostíbulos, onde as populações pobres se envilecem. Magestosas metrópoles como Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro, México, Santiago e Lima, e um mar de vilarejos, povoados, aldeias e pequenas cidades desprovidos de qualquer confôrto da civilização moderna. Massas de tuberculosos, maláricos, leishmaniosos, leprosos e sifilíticos, abandonados à própria sorte, e uns poucos hospitais e sanatórios de apurado nível técnico para servir a grandes capitalistas e abastados fazendeiros. Elevados índices de analfabetismo e uma juventude ansiosa de saber e de cultura. Latifúndios sem fim, em sua maioria improdutivos, e dezenas de milhões de camponeses, sem terra, vegetando sem qualquer esperança.

Este quadro se torna mais sombrio quando se observa que a América Latina se ressente da falta de liberdades democráticas. Na maioria de seus países reina um clima de terror e de perseguição aos patriotas. As conquistas sociais vão sendo anuladas. Imperam o militarismo e as ditaduras reacionárias. Argentina, Brasil, Paraguai e Bolívia vivem sob o tacão de generais truculentos. Na Venezuela, Colômbia, Guatemala, Honduras e Nicarágua vigoram leis de exceção. O Equador, saído de um regime de junta militar, tem um govêrno despótico. Chile e Peru encontram-se constantemente sob ameaça de golpe das fôrças armadas. E até mesmo o Uruguai encaminha-se para a reação mais aberta. Não se trata de fenômeno acidental. É uma característica da época presente, que se acentua cada vez mais. O imperialismo e as oligarquias não podem manter seu jugo na América Latina por outro meio que não seja a brutalidade mais descarada e a negação completa da democracia.

À medida que aumenta a es-

(continua na pag. 4)

> «Quanto mais militantes houver com capacidade de dirigir massas e que sejam combatentes abnegados, tanto melhor o Partido exercerá seu papel de vanguarda. Daí a exigência de um recrutamento intensivo e planificado. É preciso trazer para as fileiras comunistas os elementos mais combativos da classe operária e do campesinato.»
>
> (Do Documento da VI Conferência do PC do Brasil)

ALGUNS PROBLEMAS IDEOLÓGICOS DA REVOLUÇÃO NA AMÉRICA LATINA

(continuação da pag. 3)
poliação ianque e se aprofunda a crise crônica de estrutura nesta parte do Continente, mais se agravam as contradições básicas da sociedade, que só podem ser superadas pelas soluções radicais; maior é o descontentamento e a revolta das massas, cujas explosões são dificilmente contidas por uma violência sempre mais intensa; maior é o choque entre o sentimento nacional e a opressão estrangeira, que sòmente pode ter fim com a libertação dos países latino-americanos das garras do capital financeiro dos Estados Unidos. O imperialismo ianque e seus sustentáculos internos, em cada país, tentam abafar os anseios de progresso e a luta das grandes massas através do terror e dos regimes ditatoriais. E os povos da América Latina voltam-se corajosamente para a luta revolucionária.

AS MASSAS LEVANTAM-SE CONTRA O IMPERIALISMO E AS OLIGARQUIAS

A dominação da América Latina pelos imperialistas ianques e o atual processo de recolonização não se têm dado sem a resistência popular. Desde os albores dêste século, foi-se formando, no combate à ação de rapina dos abutres estadunidenses, o arraigado sentimento anti-norte-americano que, hoje, se expande por todo o Hemisfério. Sandino imortalizou-se como símbolo da luta antiimperialista, enfrentando com destemor os marines que desembarcaram arrogantemente na Nicarágua. Cresceu no Continente a luta libertadora. Em 1935, o povo brasileiro empunhou armas para conquistar um govêrno nacional-revolucionário. Na Colômbia, ficou célebre a revolta de Bogotá contra a interferência dos Estados Unidos na vida daquela nação e daí por diante floresceu o movimento guerrilheiro que, presentemente, inclui em seus objetivos a conquista da efetiva independência. Na década de 50, uma das mais belas páginas de heroísmo foi escrita pelos mineiros bolivianos quando destroçaram o exército e derrubaram o govêrno serviçal de interêsses estrangeiros e dos magnatas do estanho. A Revolução Cubana, que varreu a opressão imperialista da terra de Martí, despertou a América Latina para a luta armada contra seus mais ferrenhos inimigos. E, mais recentemente, o povo de São Domingos derramou seu sangue generoso, combatendo os traidores da nação, os soldados intervencionistas ianques e as tropas títeres do Brasil.

Aproxima-se na América Latina, com crescente rapidez, a grande tormenta revolucionária. Atualmente, muito mais do que no passado, maior é o ódio das massas populares ao imperialismo ianque e às oligarquias pôdres e corrompidas que lhe servem de sustentáculo. Ergue-se, partindo dos mais diversos setôres da população, uma onda de protesto contra os Estados Unidos. As chamas das guerrilhas estendem-se na Colômbia, Venezuela e Guatemala. O anseio de deflagrar a luta armada manifesta-se no Brasil, Paraguai, Peru, Equador, Bolívia, Argentina, República Dominicana e em quase todos os países do Hemisfério. O povo do Panamá, em grandes manifestações patrióticas, reclama a retirada dos norte-americanos da Zona do Canal. Poderosas greves desenvolvem-se no Chile e no Uruguai. Êste processo de radicalização das massas prenuncia a marcha dos países latino-americanos para as ações revolucionárias de nível mais elevado e para embates decisivos.

As ditaduras militares e os governos reacionários, implantados sob a égide dos Estados Unidos, não poderão deter o ímpeto do movimento libertador popular e democrático que se alastra por tôda parte.

CARÁTER NACIONAL E DEMOCRÁTICO DA REVOLUÇÃO

As nações latino-americanas têm seu progresso entravado pelos mesmos obstáculos — a dominação imperialista estrangeira e o sistema do latifúndio; têm os mesmos inimigos — os monopólios norte-americanos, os grandes proprietários de terra e a parte da burguesia ligada aos interêsses ianques. Os atuais objetivos das lutas dos povos latino-americanos visam, assim, a resolver tarefas de cunho nacional e democrático.

A revolução nos diversos países da América Latina, pelas tarefas que agora precisa enfrentar, tem caráter democrático-burguês. Em todos êles os problemas a solucionar são semelhantes em seu conteúdo econômico-social, ainda que cada país tenha um diferente grau de desenvolvimento, apresente suas características e particularidades. Mas esta revolução democrático-burguesa é uma revolução de nôvo tipo. Faz parte da revolução proletária mundial. Sua perspectiva é a transição para o socialismo. Justamente por isso, é indispensável que o proletariado, cujos interêsses estão diretamente ligados à conquista do socialismo, seja a fôrça dirigente.

Não tem procedência e é totalmente errônea a afirmação de certas correntes de esquerda de que a revolução nos países da América Latina seja socialista. Não têm também razão os que, não podendo negar os aspectos nacional e democrático da revolução, procuram mesclá-los com os objetivos socialistas, asseverando que a revolução é socialista de libertação nacional — como fazem certos agrupamentos católicos de esquerda — ou definindo seu caráter como «de luta pela independência nacional, emancipação em relação às oligarquias e o caminho socialista para seu pleno desenvolvimento econômico e social» — a exemplo do que declara a I Conferência Latino-americana de Solidariedade (OLAS).

Postular o socialismo como tarefa da atual etapa da revolução é entravar o avanço do processo revolucionário porque restringe grandemente o campo das fôrças revolucionárias e facilita a ação dos inimigos do povo. Significa negar o papel dos camponeses. Nas atuais circunstâncias da América Latina, o movimento camponês, principal base de massas da revolução, é essencialmente democrático. Objetiva fundamentalmente liquidar o latifúndio e resolver o problema da entrega da terra aos camponeses. Não tem, assim, caráter socialista. Por sua vez, as grandes massas urbanas, mesmo a classe operária, se bem que manifestem simpatia pelo socialismo, estão imbuídas de preconceitos democrático-burgueses e não sentem a necessidade da ditadura do proletariado. Tôdas elas, porém, aspiram a liquidar os atuais obstáculos ao progresso de seus países. Além disso, na luta contra o imperialismo muitos outros setôres da população estão diretamente interessados e dela podem participar. Levantar como palavra-de-ordem imediata o socialismo é afastar da revolução tais setôres.

É inegável que a América Latina sòmente poderá alcançar um brilhante futuro no socialismo. Só êste regime social transformará radicalmente as nações latino-americanas, dando plena expansão às suas fôrças produtivas, assegurando o bem-estar das massas, o amplo desenvolvimento da cultura e a verdadeira democracia para o povo. Mas o caminho para atingi-lo passa necessàriamente pela etapa nacional e democrática. Na consecução das tarefas dessa etapa, criam-se as condições, objetivas e subjetivas, favoráveis à transição para o socialismo.

Convém destacar ainda que, em tôda luta, há sempre o inimigo principal a combater, cuja derrota possibilita a liquidação dos demais adversários. Isto tem relação direta com o caráter da revolução. Concentrar esforços contra o inimigo principal, contra êle mobilizar o máximo de aliados e neutralizar fôrças que por êle poderiam ser mobilizadas — é princípio estratégico fundamental. Não se consegue a vitória se não se leva em conta êste princípio. Na atualidade, o imperialismo e o latifúndio são os inimigos principais dos povos latino-americanos. Por que agregar a êstes inimigos o capitalismo nacional em seu conjunto, levantando medidas socialistas como reivindicações imediatas? Ao apresentar as exigências democráticas e antiimperialistas, que uma vez satisfeitas atingem de morte àquêles inimigos, o proletariado pode aliar-se temporàriamente com uma parte da burguesia, mesmo vacilante, neutralizar outra e golpear apenas os setôres burgueses ligados ao imperialismo.

Aplicação magistral e criadora dêsse princípio básico de concentração de esforços foi realizada no período da II Guerra Mundial, na luta contra o fascismo. A união dos mais amplos setôres da população contra o inimigo comum ensejou a sua derrota e abriu o caminho para a vitória da revolução em vários países da Europa e da Ásia. Êste princípio foi, hàbilmente, empregado na China. Neste país, até a vitória final da revolução, sòmente foram apresentadas as reivindicações inerentes à etapa democrático-burguesa e, durante um longo período da luta revolucionária, a direção do ataque principal foi orientada contra o imperialismo nipônico, procurou-se atrair a burguesia para a luta antijaponesa e atenuou-se inclusive a luta contra os latifundiários. É bastante ilustrativo também o exemplo da Revolução Cubana. Seus líderes concentraram os ataques na ditadura de Fulgêncio Batista e contra ela orientaram a direção do golpe principal das fôrças revolucionárias. Com êste objetivo, levantaram ùnicamente a bandeira da democracia, o que possibilitou isolar o inimigo e fortalecer a revolução. Ernesto Ché Guevara, em seu artigo «Cuba: Caso Excepcional ou Vanguarda na Luta Anticolonialista?», de 9.4.61, afirmou: «Não acreditamos que se possa considerar excepcional o fato de que a burguesia, ou pelo menos uma boa parte dela, se tenha mostrado favorável à guerra revolucionária contra a tirania». Adiante agregou: «Levando em conta as condições em que se travou a guerra revolucionária e a complexidade das tendências políticas que se opunham à tirania, nada há de excepcional no fato de alguns elementos da classe latifundiária terem adotado uma atitude neutra, ou pelo menos, não-beligerante, em relação às fôrças insurretas». Isto prova que a Revolução Cubana teve uma etapa democrático-burguesa bem marcante. É de lamentar que essa experiência fôsse abandonada pelos dirigentes cubanos, inclusive pelo autor do artigo, bravo e provado revolucionário, que pouco antes de morrer considerava ser socialista o caráter da revolução nos países da América Latina. Agora, as fôrças revolucionárias do Vietname unem todos os patriotas no combate aos imperialistas ianques e seus lacaios e contra êles voltam o gume de seus ataques. O programa da Frente de Libertação Nacional do Vietname do Sul, recentemente publicado, inclui sòmente reivindicações da etapa nacional e democrática. E isto quando a parte norte do país já é socialista.

Estas experiências demonstram o quanto é importante definir de maneira correta o caráter da revolução e o quanto é nocivo estabelecer agora objetivos que correspondem a outra etapa do processo revolucionário. Para os povos do Continente esta é uma questão vital. Em todos os países da América Latina é bastante evidente a natureza nacional e democrática, o cunho agrário e antiimperialista e o aspecto popular da revolução.

CAMINHO REVOLUCIONÁRIO E CAMINHO REFORMISTA

As transformações de caráter democrático-burguês nos países da América Latina estão, desde há muito, colocadas na ordem-do-dia. A conquista da independência estatal não desbravou o caminho para um rápido desenvolvimento das fôrças produtivas. A indústria sòmente começou a ter certo impulso, assim mesmo bastante fraco, no início dêste século. A burguesia industrial nascente encontrou, porém, sérias resistências do imperialismo, que já penetrava na América Latina e se defrontou com a falta de mercado interno, devido à predominância do latifúndio. Após a I Guerra Mundial, apesar das dificuldades, o capitalismo conseguiu avançar, embora lentamente. Apresentou-se, então, com mais premência a necessidade de se levar a cabo as transformações democrático-burguesas, isto é, modificar a estrutura agrária, opor-se à ação espoliadora do imperialismo e fazer profundas alterações progressistas na superestrutura política. Com o correr dos anos, esta necessidade se tornou ainda mais imperiosa.

O início das lutas pelas modificações de cunho democrático-burguês data das primeiras décadas dêste século. O México foi um dos primeiros a enfrentar, embora sem conseqüência, problemas da revolução democrática, como, por exemplo, a questão da terra. Depois da Grande Revolução de Outubro de 1917, na Rússia, com o surgimento dos Partidos Comunistas, o proletariado de diversos países dêste Continente apresentou um programa de luta contra o imperialismo e pela reforma agrária. Mas, como era ainda uma fôrça política bastante débil, não influía de modo decisivo no curso dos acontecimentos. A burguesia nacional, especialmente a partir da década de 30, trata de levantar, a sua maneira, a necessidade de modificações de cunho burguês. Ao mesmo tempo, procura fortalecer suas posições no Poder. Nesta atividade, contava momentâneamente com o apoio dos imperialistas norte-americanos que, então, desenvolviam uma ofensiva econômica e política para deslocar do Hemisfério seus concorrentes inglêses.

Apesar de a classe operária ter organizado e dirigido movimentos democráticos e antiimperialistas de certa envergadura, a burguesia nacional na maioria dos países da América Latina tem sido a fôrça hegemônica nas transformações de sentido democrático-burguês. Vargas no Brasil, Peron na Argentina, Paz Estensoro — em seu primeiro govêrno — na Bolívia, Arbenz na Guatemala, Gaitán na Colômbia e, mais recentemente, Goulart no Brasil e Frei no Chile são expressões, entre outras, da ação da burguesia nacional, visando a levar a cabo algumas modificações na estrutura econômica e na superestrutura política das nações latino-americanas.

A burguesia nacional entra, no entanto, na arena política numa época em que a revolução socialista já triunfara num grande país e em que a classe operária adquiria consciência de sua fôrça e lutava pelo Poder. Por isso mesmo e devido às suas ligações com o imperialismo e o latifúndio, as soluções que apresenta são tímidas e bastante limitadas. A burguesia nacional postulou medidas de interêsse da nação e chegou a pôr em prática algumas delas. No Brasil, através do Código de Minas, nacionalizou o subsolo, instalou sob a égide do Estado, a grande indústria siderúrgica, tornou a exploração do petróleo um monopólio estatal. Na Bolívia, nacionalizou as minas. Na Argentina, colocou nas mãos do Estado a exploração petrolífera. Na Guatemala, iniciou a reforma agrária. Favoreceu no terreno político a implantação de certos direitos democráticos, como o voto secreto, o sufrágio feminino, a sindicalização dos trabalhadores

(continua na pag. 5)

NO 150º ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DE KARL MARX

«A classe operária, no curso de seu desenvolvimento, substituirá a antiga sociedade civil por uma associação que excluirá as classes e seu antagonismo; e não haverá mais poder político pròpriamente dito, pois o poder político é, precisamente, expressão oficial do antagonismo de classe, dentro da sociedade civil.

Enquanto isso não se dá, o antagonismo entre o proletariado e a burguesia é uma luta de classe contra classe, luta que, levada à sua manifestação mais alta, é uma revolução total. Pode, por acaso, causar estranheza que uma sociedade baseada na oposição de classes chegue à contradição brutal, a um choque corpo-a-corpo, como última solução?

Não podeis dizer que o movimento social exclui o movimento político. Não haverá, jamais, movimento político que, ao mesmo tempo, não seja social.

Sòmente uma ordem de coisas na qual já não existam classes e antagonismos de classe, as evoluções sociais deixarão de ser revoluções políticas. Até que chegue êsse momento, às vésperas de tôda reorganização da sociedade, a última palavra da ciência social será sempre:

'LUTAR OU MORRER; LUTA SANGRENTA OU NADA. EIS O DILEMA INEXORÁVEL.' (George Sand)»

Karl Marx — Miséria da Filosofia

ALGUNS PROBLEMAS IDEOLÓGICOS DA REVOLUÇÃO NA AMÉRICA LATINA

(continuação da pag. 4)

e a livre organização estudantil. Desenvolveu sob a pressão do proletariado, a legislação trabalhista, procurando sempre manter a classe operária debaixo de seu contrôle.

Mas as soluções da burguesia nacional são essencialmente reformistas. Em nenhuma época na América Latina, excluindo-se o período da Revolução Mexicana de 1910, a burguesia nacional foi revolucionária. Trata de conseguir, de modo gradativo, as transformações de caráter burguês, sem atingir em profundidade o sistema do latifúndio e sem romper por completo as amarras com o imperialismo. Simultâneamente, procura aumentar sua influência no Poder, utilizando ora os processos eleitorais, ora a fôrça militar sem, entretanto, recorrer às ações armadas que possam envolver as massas populares. Um dos métodos principais que utiliza é a demagogia trabalhista, tendo em mira fazer do proletariado uma fôrça caudatária. Esforça-se para introduzir no movimento operário suas idéias reformistas e fazer com que os trabalhadores adotem a política burguesa como se fôra a própria política da classe operária. Criou neste sentido, em muitos países, uma elite operária da qual a maioria dos dirigentes sindicais é a expressão mais destacada. Esta elite é um dos porta-vozes da burguesia nacional no movimento proletário.

A burguesia nacional mostrou, inúmeras vêzes, que não pode levar a bom têrmo as tarefas democráticas e antiimperialistas. Por seu turno, sempre que as fôrças mais reacionárias investiram contra os governos em que ela tinha preponderância, capitulou vergonhosamente, receiando a radicalização das massas. É o caso de Vargas e Goulart, de Peron e Arbenz, que preferiram render-se aos golpistas a resistir com o povo.

Acresce ainda que, na época presente, quando se travam grandes batalhas de classe no cenário internacional e está em jôgo a própria existência do sistema imperialista, a burguesia nacional não tem possibilidades de levar adiante nem mesmo uma política de pequenas reformas. O imperialismo norte-americano propõe-se a dominar o mundo inteiro. Na América Latina pretende recolonizar seus países. O neocolonialismo significa precisamente submissão total da economia dos países latino-americanos à economia dos Estados Unidos. Nos últimos anos, algumas providências que resguardavam, em certa medida, interêsses nacionais, adotadas por governos reformistas, foram sendo anuladas em favor dos norte-americanos. A Argentina voltou atrás no que se refere à legislação protecionista do petróleo. A Bolívia aos poucos vai liquidando a nacionalização das minas. O Brasil fêz concessões entreguistas no que se refere às riquezas naturais e acabou com as restrições contidas na Lei de Remessa de Lucros para o exterior. Tudo isto mostra a falência da direção burguesa no movimento nacional e democrático, evidencia a bancarrota de suas soluções reformistas.

As grandes e profundas transformações de caráter democrático-burguês, cada vez mais prementes, só podem ser realizadas pela revolução popular, sob a direção do proletariado. Não há outro meio para acabar com a dominação, sempre maior, dos imperialistas ianques, com o arcáico sistema do latifúndio nem para alcançar um govêrno efetivamente democrático que assegure a liberdade para o povo, cultura e bem-estar para as massas e a independência nacional.

As fôrças que têm efetivo interêsse nessa revolução popular são os operários, os camponeses e a pequena burguesia urbana. Os camponeses, os semiproletários do campo e os assalariados agrícolas, que constituem a maioria da população da América Latina, demonstram grande vontade de luta. Pelas próprias condições em que vivem, aspiram a varrer a opressão e a miséria. São a mola real das ações revolucionárias. Também a pequena-burguesia urbana é uma das fôrças principais do movimento nacional e democrático. Esta camada social tem grandes tradições de luta. Particularmente os estudantes e a intelectualidade progressista revelam combatividade e enraizados sentimentos antiimperialistas. Mas nem o campesinato nem a pequena-burguesia urbana reúnem as condições necessárias para assumir a direção da luta.

Quanto à burguesia nacional, pode participar de ações antiimperialistas e a favor de reformas agrárias. Pode defender a existência de certas liberdades democráticas. Alguns de seus setôres chegarão mesmo a apoiar a luta revolucionária ou a ela se incorporar. Isto porque tem, objetivamente, contradições com o imperialismo e o latifúndio, sofre a concorrência e a pressão dos monopólios estrangeiros e necessita ampliar o mercado interno. No entanto, a burguesia nacional, como fôrça vacilante e inconseqüente, pode também, em determinadas circunstâncias, aliar-se às fôrças mais reacionárias e combater a revolução.

Cabe ao proletariado, interessado não apenas no cumprimento das tarefas nacionais e democráticas, mas na conquista do socialismo, o papel dirigente da revolução na presente etapa. Esta direção é indispensável para o êxito do movimento libertador. Mas a classe operária só assegurará a sua função dirigente se fôr capaz de aliar-se às grandes massas camponesas e, à base dessa aliança, forjar uma ampla frente-única de tôdas as fôrças democráticas e antiimperialistas.

Apresentam-se, portanto, na América Latina, no que diz respeito às transformações democráticas exigidas pelo desenvolvimento da sociedade, dois caminhos: o revolucionário e o reformista. Um é indicado pelo proletariado revolucionário e o outro pela burguesia nacional. Estas classes sociais disputam a direção das massas a fim de conduzi-las pelos caminhos que defendem.

Ao contrário da burguesia nacional, que preconiza reformas, o proletariado, através de sua vanguarda, não pretende introduzir nos regimes vigentes na América Latina simples modificações parciais e sim instaurar um poder popular revolucionário que represente o conjunto das fôrças democráticas e antiimperialistas capaz de liquidar os entraves ao progresso de cada país e de descortinar novos horizontes às massas trabalhadoras.

CONQUISTAR AS MASSAS PARA AS POSIÇÕES REVOLUCIONÁRIAS

Ganhar as massas para o caminho revolucionário é uma grande batalha na esfera política e ideológica. As idéias reformistas, difundidas pela burguesia nacional, conseguiram penetrar profundamente no seio da classe operária, entre a intelectualidade e mesmo em alguns setôres do campo. À medida que a burguesia nacional ia adquirindo fôrça e conquistando importantes posições nos governos, aumentava seu trabalho de corrupção, propiciando cargos políticos e bons empregos a elementos que podiam servir a seus objetivos. Intensificava a propaganda de suas concepções, procurando influir em camadas mais amplas da população. Criou todo um corpo de doutrina tendo em vista apresentar suas soluções para os problemas de cada país. O trabalhismo, o justicialismo e o desenvolvimentismo são expressões dessa doutrina. Tanto nos parlamentos, na imprensa e nas universidades, como nos sindicatos e no movimento democrático e antiimperialista, fizeram-se sentir com intensidade crescente os porta-vozes das soluções reformistas. Surgiram os ideólogos do capitalismo nacional.

As idéias da burguesia nacional sempre se refletiram nos partidos da classe operária da América Latina. Mas, em geral, procurava-se combatê-las. No entanto, com o advento do revisionismo contemporâneo, a partir de 1956, estas idéias acabaram por predominar nestes partidos. Isto significou uma grande ajuda à burguesia nacional em seu empenho de arrastar as massas pelo caminho das reformas. Durante os últimos doze anos, o revisionismo não fêz mais do que pregar as soluções oportunistas e procurar submeter os trabalhadores à política da burguesia nacional. A experiência da América Latina revela o quanto tem sido nociva a ação dos partidos revisionistas. Êles servem, em última instância, às fôrças reacionárias uma vez que contribuem ativamente para desviar as massas da luta revolucionária. Aí estão, entre outros, os exemplos do Brasil, Chile, Argentina e Venezuela.

Apesar da influência do reformismo, grandes massas latino-americanas começam a se voltar para a idéia da revolução. Isto se deve à falência da política da burguesia nacional, que não resolveu nem resolverá nenhum dos problemas do povo e se mostrou incapaz de resistir aos golpes militares pró-imperialistas; à pregação dos partidos e correntes revolucionárias, que propugnam a luta armada e as soluções radicais; aos êxitos dos povos que conseguiram a vitória através das armas como aconteceu na China, Albânia, Cuba e, atualmente, se verifica no Vietname; e, finalmente, ao agravamento das contradições internas e externas nos países dêste Hemisfério. A posição revolucionária da China e a difusão do pensamento de Mao Tse-tung têm atraído grandes massas para o caminho da luta, da guerra popular. O desmascaramento do revisionismo contemporâneo, no plano mundial e em cada país, serviu também para despertar os povos para a necessidade da revolução.

Todos êsses fatôres ajudaram largas camadas do povo a fazer sua experiência, a comprovar na vida a falsidade do caminho reformista e a concentrar suas esperanças na solução indicada pelo proletariado.

É preciso, no entanto, não dar tréguas ao reformismo e ao revisionismo. É uma luta que necessita ser travada em todos os terrenos. Sem derrotar as idéias reformistas será muito difícil, senão impossível, conquistar a vitória. Esta tarefa fundamental está intimamente ligada ao desenvolvimento das ações contra a reação e o imperialismo norte-americano. A prática revolucionária levará as massas a encontrar o caminho certo.

Justamente porque é indispensável ganhar as massas para o caminho revolucionário, não é possível aos verdadeiros lutadores da causa da emancipação dos povos latino-americanos manter-se indiferentes face ao grande e histórico embate que ora se realiza, no âmbito internacional, entre o marxismo-leninismo e o revisionismo contemporâneo. Êste representa as idéias da burguesia, de tipo social-democrata, no plano mundial. Procura minar a combatividade dos povos e salvar o sistema imperialista da derrota. O revisionismo contemporâneo é tanto mais perigoso porque se encobre com a bandeira da Revolução de Outubro a fim de iludir os trabalhadores e os povos oprimidos. Difundido e sustentado pelos dirigentes de uma grande potência como a União Soviética e pelos partidos operários que, em outras épocas, desenvolveram grandes lutas e hoje traem a causa dos povos, o revisionismo é portador das idéias de capitulação ao imperialismo. Por isso, é imprescindível desmascarar constantemente as posições revisionistas do Partido Comunista da União Soviética e seus seguidores e, ao mesmo tempo, apoiar as fôrças que se situam no campo do marxismo-leninismo, como os comunistas chineses e albaneses. O marxismo-leninismo exprime os interêsses do proletariado internacional e dos povos revolucionários. Assim, para os povos latino-americanos, o combate ao revisionismo é parte de sua luta libertadora. E para o proletariado, êste combate é inseparável do esfôrço permanente pela conquista de sua hegemonia, condição primordial para a vitória da revolução.

SITUAÇÃO FAVORÁVEL À LUTA REVOLUCIONÁRIA

São extremamente favoráveis as condições econômicas, sociais e políticas à luta dos povos latino-americanos. A revolução amadurece simultâneamente em todos os países dêste Continente. Isto, no entanto, não quer dizer que a revolução na América Latina se verifique fora dos marcos nacionais e passe a ser uma revolução continental, com exército revolucionário comum e comando único. Embora existam objetivos comuns a todos os países da América Latina, cada povo fará a sua revolução. Esta é fruto de processos objetivos internos relacionados com o aguçamento das principais contradições da sociedade, o grau de desenvolvimento da luta de classes, as tradições históricas e as peculiaridades da nação. Cada povo apóia-se, fundamentalmente, em seus próprios esforços.

Mas é inegável que o apoio recíproco entre os povos constitui um fator importantíssimo. Qualquer país dêste Hemisfério que se levante em armas para livrar-se de seus opressores e exploradores tem como aliado mais próximo os demais países da América Latina. Dêste modo, assume particular relêvo o fortalecimento dos laços de amizade e solidariedade entre os movimentos de emancipação nacional no Continente. Quando o imperialismo ianque e as oligarquias latino-americanas coordenam medidas de repressão e planejam ações conjuntas contra os povos, impõem-se mais ainda a intensificação do intercâmbio de experiências e a ajuda mútua entre os revolucionários. Ao mesmo tempo que o povo chileno, argentino, brasileiro, peruano e outros desenvolvem suas próprias lutas, apóiam firmemente o povo colombiano, guatemalteco, venezuelano e outros que respondem com a violência revolucionária à violência da reação e do imperialismo.

A revolução na América Latina conta também com poderosos aliados na Ásia e na África. As lutas que ocorrem nestes continentes auxiliam os patriotas latino-americanos. Destacada significação tem a gloriosa resistência do povo vietnamita em sua guerra justa contra os invasores de sua pátria. Dando mostras de bravura sem par, os combatentes vietnamitas assestam golpes demolidores nos imperialistas ianques. Infundem com suas vitórias nôvo ânimo aos revolucionários dêste Hemisfério. Demonstram na prática que é possível enfrentar e vencer os arrogantes exércitos estadunidenses. A ampliação e o fortalecimento das ações guerrilheiras no Laus, Tailândia, Birmânia e em outros países asiáticos, dirigidas fundamentalmente contra os belicistas ianques, fundem-se com o movimento libertador das Américas. O mesmo sentido têm as guerrilhas no Congo, Angola, Moçambique e Guiné Portuguesa. Os povos latino-americanos, por sua vez, consideram seu dever dar todo o apoio a estas lutas, sobretudo a dos vietnamitas, que estão nas primeiras linhas de combate aos odiados soldados do dólar.

Unem-se à causa dos povos latino-americanos, os trabalhadores dos países imperialistas que se levantam contra a burguesia monopolista. As grandes manifestações de massa no Japão contra a ocupação ianque e contra a utilização de bases japonesas para o ataque ao Vietname; os vigorosos protestos nos Estados Unidos contra o prosseguimento da guerra no Sudeste Asiático; o poderoso e combativo movimento dos negros norte-americanos por sua libertação — tudo isto constitui fator favorável à luta revolucionária neste Continente.

A China Popular é a principal base de apoio do movimento revolucionário, com a qual os povos da América Latina podem sempre contar. Imenso país de 700 milhões de habitantes, onde o proletariado triunfou e realiza com êxito a Grande Revolução Cultural, mantém uma atitude irreconciliável face ao imperialismo ianque e aos revisionistas contemporâneos que a êle se juntaram. Guiando-se pelo internacionalismo proletário, a China de Mao Tse-tung é a campeã da luta pela emancipação nacional e não mede sacrifícios para ajudar os povos oprimidos a se libertar. O fato de ser a China o centro da estratégia agressiva da Casa Branca e do Pentágono obriga os imperialistas estadunidenses a concentrar grandes fôrças na Ásia, favorecendo a luta emancipadora na América Latina. A República Popular da Albânia é também uma base de apoio da revolução. Embora um país pequeno, defende com valentia as posições revolucionárias na Europa.

Nas atuais circunstâncias, a luta dos povos tende a se fundir numa ampla frente mundial de combate aos imperialistas norte-americanos. Depois da Segunda Grande Guerra, os Estados Unidos se propuseram a dominar todos os países e se transformaram em gendarmes da reação mundial. Nestas últimas décadas, os círculos dirigentes de Washington, desde Truman até Johnson, fomentaram golpes militares na América Latina e intervieram em todos os lugares onde as massas se rebelaram. Tornaram-se, assim, os Estados Unidos o inimigo comum da Humanidade. Derrotá-los é tarefa magna dos povos. Nesta tarefa, os latino-americanos estão chamados a ocupar um pôsto de honra.